

A RELAÇÃO ENTRE COMPETÊNCIA LEXICAL E DESEMPENHO ESCOLAR: ABORDAGEM LEXICAL NO ENSINO PARA DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA

Fernando Moreno da Silva¹

Resumo: É consenso que o desenvolvimento da competência lexical favorece o bom desempenho na leitura e na escrita. Para comprovar essa afirmação, o objetivo deste artigo é mostrar a relação entre competência lexical e desempenho escolar, analisando a estatística lexical de redações do Enem e do vestibular da UENP. Com isso, objetiva-se também estimular a abordagem lexical no ensino, com uso do dicionário como instrumento para desenvolver a competência lexical de alunos, expondo os caminhos da Lexicografia pedagógica, responsável pelo desenvolvimento do dicionário escolar. A estatística lexical mostrou que as oito melhores redações da UENP apresentaram média de 278,6 palavras por redação. As nove piores, 140,8. Portanto, o ensino do léxico é comprovadamente indispensável ao aumento da competência lexical e, conseqüentemente, à melhora do desempenho escolar na leitura e na escrita.

Palavras-chave: Competência lexical. Ensino do léxico. Dicionário.

THE RELATIONSHIP BETWEEN LEXICAL COMPETENCE AND LEARNING: LEXICAL APPROACH IN TEACHING TO DEVELOP READING AND WRITING

Abstract: The development of lexical competence favors good performance in reading and writing. To prove this, the objective is to show the relationship between lexical competence and learning, analyzing the lexical statistics of essays of Enem and UENP. It also aims to stimulate the lexical approach in teaching, using the dictionary as an instrument to develop the lexical competence of students, exposing the advances of pedagogical Lexicography, responsible for the development of the school dictionary. Lexical statistics showed that the eight best essays at UENP had an average of 278.6 words per essay. The nine worst, 140.8. Therefore, lexicon teaching is essential to develop lexical competence and, consequently, to improve learning in reading and writing.

Keywords: Lexical competence. Lexical teaching. Dictionary.

¹ Doutorado em Linguística (UNESP/Araraquara. E-mail. moreno@uenp.edu.br)

Introdução

Como avaliar a qualidade de um texto por dados estatísticos?

Certamente que a avaliação de um texto envolve vários critérios, como coerência, coesão, argumentação, aspectos gramaticais e discursivos, etc. Por essa razão, apenas números não conseguem plenamente determinar a qualidade de um texto. Apesar disso, alguns dados podem revelar fatos que comprovam certas teses.

Uma dessas teses no âmbito do ensino da língua é a de que o desenvolvimento da competência lexical (domínio de vocabulário) favorece o bom desempenho na leitura e na escrita.

A competência lexical é o conhecimento e habilidade para ouvir, ler, falar e escrever intensa e extensivamente as unidades do léxico (conjunto de palavras de uma língua). É a junção dos vocabulários ativo e passivo do falante. Vocabulário ativo é o conjunto de unidades lexicais usadas com frequência na fala ou na escrita pelo falante. Vocabulário passivo, o conjunto de unidades lexicais conhecido pelo falante, mas raramente ou nunca usado por ele. É claro que competência lexical não significa apenas conhecer um vocabulário amplo (tamanho ou conhecimento extenso); exige habilidade para selecionar, articular e usar as palavras (profundidade ou conhecimento intenso), envolvendo as consciências fonológica, morfológica, sintática e discursiva (aspecto social, cultural, ideológico). O vocabulário passivo costuma ser maior que o vocabulário ativo. Embora seja difícil a precisão, estimam que um adulto domine em média de 10 a 25 mil palavras.

Assim, quanto maior o domínio dos vocabulários ativo e passivo, maiores são as chances de um aluno escrever um bom texto ou interpretá-lo de modo correto.

Essa aparente obviedade muitas vezes carece de comprovação para não ser apenas uma

afirmação vaga. Isso significa que, não obstante as dificuldades para estabelecer critérios de avaliação de texto, a estatística lexical (quantidade de unidades léxicas) pode ser usada como instrumento para comprovar, primeiramente, as deficiências de um aluno e, em segundo lugar, direcionar métodos e conteúdos para o ensino da língua portuguesa e de línguas estrangeiras.

Por isso, o objetivo deste artigo é inicialmente mostrar a íntima relação entre competência lexical e desempenho escolar, analisando dados lexicais de redações do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e de redações do vestibular 2018 da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Em seguida, como um caminho para alcançar os resultados mostrados pela estatística das redações, objetiva também estimular a abordagem lexical no ensino, sobretudo por meio do uso do dicionário como instrumento para desenvolver a competência lexical de alunos, expondo os caminhos da Lexicografia pedagógica, responsável pelo desenvolvimento do dicionário escolar.

Nessa abordagem, o artigo se estrutura em três seções: (i) “vocabulário ativo”, para explicar a ocorrência de unidades lexicais nos textos gerais e terminológicos; (ii) “competência lexical e ensino”, analisando a estatística lexical das redações para mostrar a relação entre competência lexical e desempenho escolar; (iii) “lexicografia pedagógica”, apresentando esse ramo da Lexicografia e seus desenvolvimentos para o estudo e a produção de dicionário escolar, um dos instrumentos na abordagem lexical para melhorar a competência lexical dos alunos.

Vocabulário ativo

O vocabulário – conjunto de unidades lexicais de uma obra, de uma pessoa, de uma língua – tem um comportamento muito habitual: comumente, as unidades mais frequentes representam mais de

80% do total de palavras num *corpus*, e as de baixa frequência, que ocorrem raramente, menos de 20%, incluindo termos técnicos.

Para ilustrar essa regularidade da distribuição lexical, tomamos oito teses de áreas distintas (Linguística, Engenharia, Física, Direito, Agronomia, Odontologia, Psicologia e Biologia)² para analisar, com base na Linguística de *Corpus*³, a caracterização do léxico. Em todas, as duzentas formas (*types*)⁴ mais frequentes representam cerca de 60% de todas as palavras (*tokens*) do *corpus*.

Tabela 1: dados gerais das teses

Tese por área	Types	Tokens	200 types mais frequentes	Types com frequência 1 (hápax)
Linguística (UNESP/2018)	6939	59877	200 (2,9%) types = 35321 (59%) tokens	3508 (50,5%)
Engenharia (USP/2018)	3503	21726	200 (5,7%) = 13324 (61,3%)	1701 (48,5%)
Física (USP/2015)	4740	48196	200 (4,2%) = 30734 (63,7%)	2186 (46,1%)
Direito (USP/2011)	8356	60058	200 (2,4%) = 34161 (56,9%)	4213 (50,4%)
Agronomia (USP/2015)	4624	34247	200 (4,3%) = 20245 (59,1%)	2038 (44%)
Odontologia (USP/2018)	3332	20295	200 (6%) = 12142 (59,8%)	1631 (48,9%)
Psicologia (USP/2010)	5983	47152	200 (3,3%) = 26854 (57%)	2900 (48,5%)
Biologia (USP/2016)	4506	27290	200 (4,4%) = 16551 (60,6%)	2 3 5 5 (52,3%)

Fonte: elaboração própria

Esse percentual não é exclusivo do gênero “tese”. Tomando gêneros diferentes (texto constitucional, obras literárias e manual de informática), a regularidade dos *corpora* se mantém:

Tabela 2: dados gerais de gêneros distintos

Texto	types	tokens	200 types mais frequentes	Types com frequência 1 (hápax legómenon)
Constituição Federal do Brasil	6573	95034	200 (3%) = 60870 (64%)	1 = 2196 (33,4%)
Dom casmurro (Machado de Assis)	8692	66837	200 (2,3%) = 40514 (60,6%)	1 = 4720 (54,3%)
Os sertões (Euclides da Cunha)	22407	157838	200 (0,9%) = 78438 (49,7%)	1 = 11214 (50%)

² Linguística (PRADO, 2018), Engenharia (ABRAHÃO, 2018), Física (ABDALLA, 2015), Direito (ABE, M., 2011), Agronomia (ALVES, 2015), Odontologia (ABE, A., 2018), Psicologia (ABBUD, 2010) e Biologia (AZZI-NOGUEIRA, 2016).

³ Para processamento dos textos, fizemos uso do programa AntConc 3.5.8.

⁴ Type: palavra diferente ocorrida num corpus. No enunciado “A mesma vontade de cantar de hoje é a mesma vontade de ontem”, há 8 types: a (2), vontade (2), de (3), cantar (1), hoje (1), é (1), mesma (2), ontem (1). Enquanto tokens se referem ao número total de palavras em um corpus, types se referem às palavras diferentes.

Guerra e paz (Tolstói)	28392	573586	200 (0,7%) = 328617 (57,3%)	1 = 11909 (41,9%)
Manual de informática	1959	11775	200 (10,2%) = 7797 (66,2%)	1 = 932 (47,6%)

Fonte: elaboração própria

Um pequeno número de palavras (200) soma mais da metade das ocorrências num *corpus*. Na tese de linguística, por exemplo, há um total de 59.877 palavras (*tokens*) e 6.939 formas diferentes (*types*). As duzentas formas mais frequentes – que representam apenas 2,9% desses *types* – são responsáveis por 35.321 ocorrências, ou seja, 59% do total de *tokens*. Já os hápax (frequência 1, com uma única ocorrência), mesmo representando 50,5% (3.508) dos *types*, ocupam 5,9% do total de ocorrências. A título de exemplo, para ratificar a “má distribuição lexical” nos textos, destacamos as dez palavras mais frequentes da tese de linguística, todas palavras gramaticais. Se as duzentas formas mais frequentes representam cerca de 60% de todas as ocorrências (59.877), as dez, mais de 20% (14.137):

Tabela 3: as dez palavras mais frequentes da tese de linguística

RANK	FREQUÊNCIA	PALAVRA
1	3001	de
2	2058	a
3	1595	o
4	1508	que
5	1441	e
6	1191	da
7	1028	do
8	921	em
9	833	se
10	561	um
TOTAL	14.137 (23,6% tokens)	

Fonte: elaboração própria

Esses dados mostram que, apesar da grandiosidade do léxico de uma língua – 300, 600 ou 900 mil palavras? –, o vocabulário efetivamente usado pelos falantes é reduzido: as palavras mais frequentes representam a maioria num texto.

Ora, o que esses números revelam? Significa que o domínio restrito de vocabulário é suficiente para o uso da língua? Que não precisamos dominar tantas unidades lexicais? *A priori*, sim; mas há dados que comprovam que a competência lexical defasada, medida pelo vocabulário reduzido, é um obstáculo

ao desenvolvimento das habilidades linguísticas, sobretudo a escrita e a leitura. Afinal, quanto maior o número de *types*, maior será a riqueza lexical.

Competência lexical e ensino

Competência lexical é o domínio do vocabulário. Mais especificamente, a competência lexical é constituída dos vocabulários ativo e passivo. Não se trata apenas de conhecer extensivamente o léxico. Muito mais que uma mera quantidade,

a competência exige consciências fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática, exige saber criar, transformar e usar os itens lexicais conforme a situação. Envolve, enfim, competência para selecionar, articular e usar as palavras.

Feita essa ressalva, podemos, porém, se aproximar da competência lexical por meio da estatística léxica. Nascimento e Isquierdo (2003, p. 71-84), analisando o vocabulário de estudantes universitários em 450 redações de vestibular de duas instituições de ensino superior do interior do estado de São Paulo, uma pública – Unicamp/Campinas, 170 redações do vestibular de 1999 – e uma particular – Faculdades Toledo/Araçatuba, 280 redações do vestibular de 2000 –, chegaram aos seguintes resultados: a) textos de estudantes de universidade pública advindos da rede particular de ensino: média de 364 palavras; b) textos de estudantes de universidade pública advindos da rede pública de ensino: média de 329 palavras; c) textos de estudantes de universidade particular advindos da rede particular de ensino: média de 206 palavras; d) textos de estudantes de universidade particular advindos da rede pública de ensino: média de 181 palavras. Os ingressantes na universidade pública, sobretudo os que concluíram o ensino médio em escola da rede particular, apresentam um vocabulário mais amplo. Esses dados, além de revelarem a má qualidade do ensino de língua portuguesa na escola pública, mostram que o léxico é um indicador de desempenho escolar: quanto maior a competência lexical (vocabulários ativo e passivo) do aluno, maior sua capacidade de escrita, afinal, segundo Ferraz e Silva Filho (2016, p. 9), “o desenvolvimento da competência lexical é condição fundamental para desenvolver no aluno habilidades de compreensão e produção textual”.

Para confirmar esses dados, analisamos redações do ENEM 2017⁵ e do vestibular 2018 da UENP (Universidade Estadual do Norte do

5 Kapa (2018).

Paraná)⁶. As oito melhores redações (notas entre 8 e 9) da UENP apresentaram média de 278,6 palavras por redação. As nove piores (notas entre 1,25 e 3), 140,8. As nove redações divulgadas pelo MEC (todas com nota máxima), média de 419,3.

Tabela 4: Estatística lexical das nove piores redações da UENP 2018

REDAÇÃO	TYPES	TOKENS
1	98	130
2	81	127
3	78	102
4	85	140
5	88	129
6	110	192
7	81	128
8	96	147
9	100	172
TOTAL		140,78

Fonte: elaboração própria

Tabela 5: Estatística lexical das oito melhores redações da UENP 2018

REDAÇÃO	TYPES	TOKENS
1	176	291
2	141	223
3	150	241
4	192	307
5	185	319
6	165	253
7	164	300
8	192	295
TOTAL		278,62

Fonte: elaboração própria

A análise estatística dessas redações mostra uma relação direta entre competência lexical e desempenho escolar. Daí a razão pela qual o ensino do léxico – por meio de diversos instrumentos, sendo

6 A análise das redações é fruto de projeto de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Eliana Merlin Deganutti de Barros, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP/UENP), CAAE 95902418.4.0000.8123, parecer 2.856.912, intitulado “A escrita de textos argumentativos em contexto de vestibular”.

o dicionário o mais usado – é comprovadamente indispensável ao aumento da competência lexical e, conseqüentemente, à melhora do desempenho escolar na leitura e na escrita.

Por conta dessa importância da abordagem lexical, a Lexicografia pedagógica – ramo dos estudos do léxico responsável pelo estudo e pela produção do dicionário escolar – se destaca no ensino como um dos principais instrumentos para desenvolver a competência lexical dos alunos. A seguir, um pouco mais sobre o papel do dicionário no ensino.

Lexicografia pedagógica

O dicionário é uma obra multifuncional que abriga uma série de informações linguísticas: etimologia, dados gramaticais (classe, número, gênero, flexão), sinônimos, antônimos, homônimos, parônimos, pronúncia correta das palavras, exemplos de uso, etc. Todos esses dados, por si só, fazem dele uma obra de natureza didática: “pelo conjunto de informações que encerra, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua [...]” (KRIEGER, 2012a, p. 9). Essa percepção já havia em Bluteau (1727, p. 4): “[...] de todos os livros, que se dão à estampa, os Dicionários são os que mais pronta, e facilmente instruem quem os consulta”.

Apesar dessa potencialidade, o dicionário comumente é tomado apenas como uma obra para consulta de ortografia ou de significado, sendo desconhecido, ignorado e subutilizado pela maioria dos consulentes. A burrice dos burros, pela antonomásia criada, tende a ofuscar a sabedoria do “pai” dos que apreciam as veredas de viabilidades léxicas! Até na escola, onde ele deveria servir como apoio, seu potencial não é explorado.

Por conta da necessidade de explorar o inexplorado, já que o dicionário, mais do que respostas, nos apresenta possibilidades⁷, surgiu

⁷ Prefácio do Novíssimo Aulete, por Deonísio da Silva:

um ramo da Lexicografia para estimulá-lo como instrumento para ensino e para aprendizagem da língua: a Lexicografia pedagógica.

A Lexicografia pedagógica surge para reforçar o papel didático do dicionário; não é apenas uma coqueluche apregoando um axioma; mais do que reforçar seu papel didático, a Lexicografia pedagógica – um movimento que se constrói como disciplina – se fundamenta no princípio de que é necessário adequar o dicionário aos projetos de ensino e aos níveis de aprendizagem. Essencialmente esse é seu objetivo: adequação das obras ao nível e às necessidades do aprendiz de língua (materna ou estrangeira).

O esforço da Lexicografia pedagógica alcançou o reconhecimento do governo federal, que – por meio do Ministério da Educação (MEC), junto com o PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático), que cuida dos livros didáticos – criou em 2001 o “PNLD Dicionários”⁸, um programa que destina às escolas dicionários para apoiar professores e alunos nas atividades em sala de aula.

No “PNLD Dicionários 2012”, os dicionários foram enquadrados em quatro níveis:

- a) tipo 1: 1º ano do ensino fundamental, com dicionários de até 1.000 verbetes;
- b) tipo 2: 2º ao 5º ano, de 3.000 a 15.000 verbetes;
- c) tipo 3: 6º ao 9º ano, de 19.000 a 35.000 verbetes;
- d) tipo 4: 1º ao 3º do ensino médio, de 40.000 a 100.000 verbetes.

Com o acervo, a escola recebe um manual para o professor: “Com direito à palavra: dicionários em sala de aula” (BRASIL, 2012). Nesta publicação, há explicações da estrutura do dicionário e atividades

⁸ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/dicionarios>

propostas para estimular o uso pelos alunos. Vejamos o conteúdo das obras conforme o nível, tomando exemplos de cada tipo:

a) tipo 1: destinado a crianças em fase inicial de alfabetização (1º ano do ensino fundamental), com dicionários de até 1.000 verbetes:

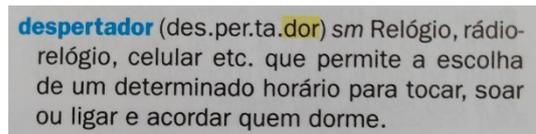
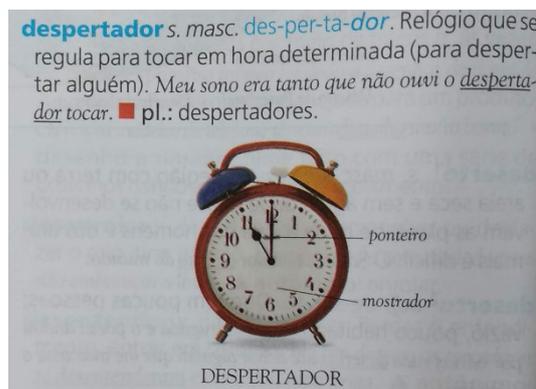
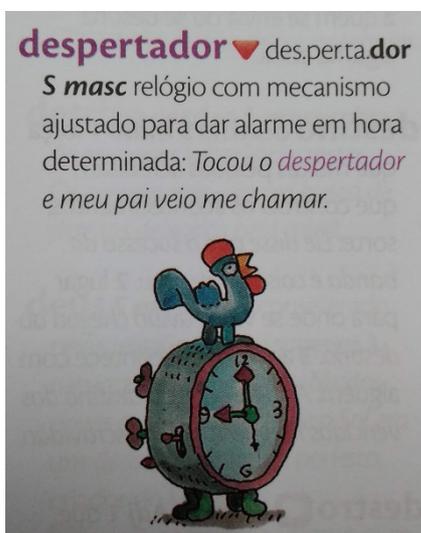
Figura 1: da esq à dir.: Bechara (2011a) e Geiger (2011).



Fonte: citadas acima

b) tipo 2: destinado a alunos dos anos finais da primeira fase do Ensino Fundamental (2 ao 5º ano), com dicionários de 3.000 a 15.000 verbetes:

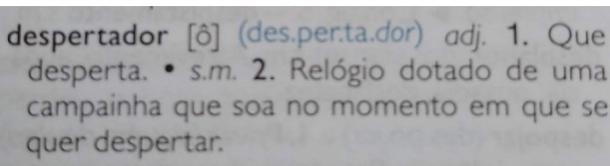
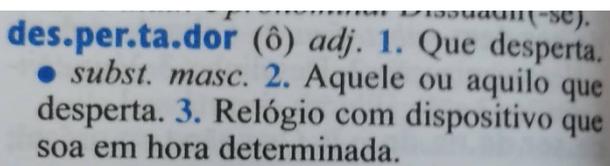
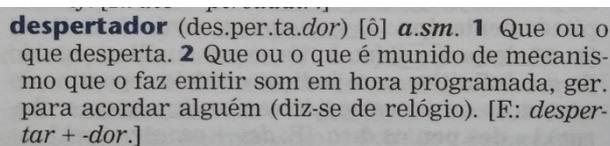
Figura 2: esq. sup.: Biderman (2012); esq. inf.: Oliveira (2009); à dir.: Borba (2011a).



Fonte: citadas acima

c) tipo 3: destinado a alunos do 6º ao 9º ano, de 19.000 a 35.000 verbetes; tem características típicas de minidicionário de uso geral:

Figura 3: Da esq à dir.: Aulete (2011a), Ferreira (2011), Bechara (2011b)



Fonte: citadas acima

d) tipo 4: destinado a alunos do ensino médio, de 40.000 a 100.000 verbetes. Aproxima-se do dicionário padrão:

Figura 4: De cima a baixo: Bechara (2011c), Aulete (2011b), Borba (2011b).

despertador (des.per.ta.dor) [ô] **a.** **1** Que desperta **2** Diz-se de relógio dotado de mecanismo que o faz emitir um som em hora programada, ger. para acordar alguém **sm.** **3** O relógio dotado desse mecanismo **4** O que desperta [F.: *despertar* + *-dor.*]

DESPERTADOR des.per.ta.dor **Sm** **1** mecanismo ajustado para dar alarme em hora determinada **Adj** **2** que faz despertar; que faz acordar: *Está chegando ao país um remédio despertador.* **3** que faz despertar ou desenvolver: *Ostras e mariscos são tidos por despertadores da inteligência.*

Fonte: citadas acima

A divisão dos dicionários nesses quatro tipos é resultado das reflexões que a Lexicografia pedagógica tem promovido, isto é, a necessidade de adequar as obras ao nível dos alunos. Um aluno de ensino fundamental pode não se interessar pelo mesmo tipo de informação que atrai um professor universitário, como datação ou origem etimológica. Como mostra Pontes (2010, p. 201)⁹, essa divisão revela, no que diz respeito à multimodalidade (modos de representação da mensagem)¹⁰, um *continuum* da informatividade visual dos textos lexicográficos, indo, como no tipo 1, de textos visualmente mais informativos (imagens, desenhos e recursos tipográficos) a textos visualmente menos informativos, como no tipo 4, apenas com recursos tipográficos. Segundo Pontes (2018, p. 26), o verbete lexicográfico é um texto multimodal, composto de códigos verbais e visuais: tipo e tamanho de letra, sinais de pontuação, números, símbolos, cor, imagens, desenhos, abreviaturas, reduções de palavras, legendas de imagens, etc. Tais recursos “trazem ao texto lexicográfico uma fácil legibilidade, o que significa acesso rápido às informações.” (PONTES, 2018, p. 43).

Toda essa preocupação ressemantiza o conceito de “dicionário escolar” – também

⁹ Pontes analisou os dicionários escolares do PNLD 2006, que classificou as obras em três tipos.

¹⁰ Para esse conceito de multimodalidade, a semiótica discursiva, com base em Hjelmslev (1975), usa o termo “sincretismo” ou “linguagem sincrética”.

chamado de “dicionário pedagógico” ou “dicionário didático” –, que, como mostrou Damim (2005, p. 66-8), não é uma versão abreviada de dicionários maiores, apenas com uma diminuição no tamanho da microestrutura e na quantidade de lemas. Minidicionário não é sinônimo de dicionário escolar. Alguns dicionários são simplesmente um recorte de dicionários maiores, sem qualquer preocupação com a adequação da linguagem ao nível do público a que se destina. Com isso, há dicionário escolar e dicionário usado em âmbito escolar. Para Damim (2005, p. 197), o futuro do dicionário escolar deve estar pautado cada vez mais no perfil de seu usuário. Grama e Beilke (2018, p. 2057) arrolam as principais características de um dicionário pedagógico:

- Especifica o público-alvo (o aprendiz);
- Especifica o tipo de função a que se propõe apoiar (em que situação a informação contida no dicionário é relevante para o consulente);
- É adequado às necessidades, às habilidades e aos objetivos específicos do público-alvo;
- Possui exemplos que não devem ser reaproveitados de outros dicionários;
- Leva em consideração a utilização de um corpus de aprendizes para produção do dicionário pedagógico, a fim de identificar as dificuldades deles;
- É feito a partir de um corpus de língua que não pode ser utilizado como autoridade final para ela-

boração de exemplos;

- Contém registros frequentes (vocabulário fundamental ou ativo);
- Adota um vocabulário controlado para a metalíngua;
- Indica por extenso as marcas de uso de uma unidade lexical.

A diferença entre dicionário comum e dicionário pedagógico foi o que mostrou M. Silva (2008, p. 219-220) em relação ao dicionário bilíngue (DB), destacando as principais falhas na elaboração de obras lexicográficas para ensino de língua estrangeira:

- A concepção da obra: se o autor do dicionário não tiver formação teórica; quando se trata de um projeto isolado de um lexicógrafo; quando editores produzem a obra a toda pressa;
- A correção da equivalência das unidades lexicais (UL's) nos DB's (sinonímia entre LE's), em comparação com as informações dos dicionários monolíngues (DM's);
- Os critérios de inclusão das acepções (cronologia, frequência, compilação?);
- A discrepância nas acepções entre as obras bilíngues de mesmo porte analisadas, considerando os critérios quantitativo (muitos sinônimos) e qualitativo (níveis de língua e frequência);
- A extensão irregular dos verbetes dentro da mesma obra (desconsiderando a polissemia) ou com relação a outros DB's (quando comparáveis);
- O tratamento da polissemia e da homonímia, que influencia tanto na macro quanto na microestrutura da obra;
- A atualização do texto lexicográfico (ausência de UL's modernas e frequentes: neologismos e estrangeirismos em uso há décadas nem sempre são tratados nas obras bilíngues);
- O grau de dificuldade do texto lexicográfico para o consulente inexperiente: construções e textos confusos, explicações insuficientes, equivalente sem especificações, não uso de pontuação e numeração coerente;
- A escolha e inserção aleatória dos exemplos e le-

xias complexas nos verbetes;

- As abreviaturas e marcas de uso utilizadas (às vezes em excesso, às vezes ausentes);
- A adequação do texto lexicográfico e dos exemplos e expressões ao consulente brasileiro (variedade brasileira do português – PB), talvez decorrente da escassa produção de obras bilíngues das LE's com o português;
- A baixa produção de DB's na variante do PB. As obras com até 20 mil verbetes revelam-se com muitas falhas; as obras de maior porte, com mais de 50 mil verbetes são sempre produzidas em Portugal (editoras Bertrand, Porto e Verbo).

Buscando desenvolver um protótipo de dicionário bilíngue pedagógico (DBP) na direção Francês-Português (LE > LM¹¹) para aprendizes de língua estrangeira, M. Silva (2008, p. 227-8) propõe um modelo de verbete de substantivos e de verbos do vocabulário fundamental do francês, apresentando uma configuração para as microestruturas nominal e verbal:

Figura 5: modelo de verbete para DBP

aider [AFI] VT ~qqn 1. Apoiar (alguém), ajudar, auxiliar, favorecer, socorrer. Que Dieu vous aide! <i>Deus te ajude!</i> qqch- à 2. Facilitar, contribuir para. Sa décision aidera à la modernisation de l'industrie. <i>sua decisão contribuirá para a modernização da indústria.</i> ~qqn de Puis-je vous aider de mes conseils? <i>Posso ajudar com meus conselhos?</i> VPr s'- de 3. Auxiliar-se, servir-se (de algo que nem sempre é de fato um instrumento). S'aider d'un dictionnaire pour traduire <i>servir-se de um dicionário para traduzir.</i> 4. Ajudar-se, contribuir (um com o outro), servir-se, valer-se, aproveitar-se. S'entraider, s'aider mutuellement: <i>ajudar-se mutuamente.</i> # Aide-toi, le Ciel t'aidera <i>Deus ajuda quem cedo madruga.</i>	aimer [AFI] VT ~qqn 1. Amar (d'amour), gostar, querer bem, estimar, prezar. Aimer ses enfants <i>amar seus filhos.</i> Je l'aime bien <i>gosto dele.</i> 2. Amar, sentir amor, paixão por alguém (être amoureux). Je t'aime <i>eu te amo.</i> ~qqch 3. Gostar de, apreciar. Il aime le travail / travailler <i>ele gosta do trabalho / de trabalhar.</i> Aimer la musique <i>apreciar música.</i> ~mieux 4. Preferir. Il aime mieux les sports d'équipe <i>ele prefere os esportes em equipe.</i> VPr s'- 5. Amar-se a si ou mutuamente. Elle s'aime en rouge <i>ela se sente bem de vermelho.</i> Moi et mon mari, nous nous aimons <i>eu e meu marido nos amamos (Recipr.).</i> # Aimer d'un amour fraternel <i>amar como irmão.</i> Faire l'amour <i>fazer amor.</i>
---	--

Fonte: Silva, M. (2008, p. 228)

Ainda que a Lexicografia pedagógica se ocupe apenas de dicionários pedagógicos, suas contribuições podem ajudar também no uso do dicionário comum como recurso didático. Como ressalta Krieger (2012b, p. 173), a Lexicografia pedagógica ou didática busca “oferecer subsídios para tornar o uso do dicionário produtivo e orientado para o ensino e aprendizagem de línguas”.

11 LE (Língua Estrangeira) e LM (Língua Materna)

Apesar do avanço da Lexicografia pedagógica, haja vista o programa *PNLD Dicionários* (que classifica as obras conforme o nível de aprendizagem) e os trabalhos que destacam o papel do dicionário como instrumento pedagógico no ensino e na aprendizagem da língua (CARVALHO, BAGNO, 2011; DAMIM, 2005; DURÃO, 2010; MORAES, 2007; MÜLLER, CAMIOTTI, BATISTA, 2014; XATARA, BEVILACQUA, HUMBLÉ, 2011, KRIEGER, MÜLLER, 2017)¹², o potencial pedagógico do dicionário não tem sido adequadamente explorado em sala de aula. Como mostraram Duarte e Silva (2017, p. 128), por meio de questionário aplicado junto a alunos de ensino fundamental de escola pública¹³, ainda há subutilização das obras lexicográficas em sala de aula: “O uso do dicionário, muitas vezes, restringe-se ao exercício da procura esporádica de vocábulos desconhecidos ou a consultas que duram alguns poucos segundos, ou menos ainda, à mera confirmação da grafia de algumas palavras.” (BOLZAN; DURÃO, 2010, p. 50).

Essa ignorância lexicográfica dos alunos e dos professores, manifestada no modo reducionista de uso da obra lexicográfica em sala de aula, fruto da inabilidade dos professores para ensinar os alunos a explorarem o dicionário, revela, como sugere Höfling (2006, p. 327), a necessidade urgente de incluir a disciplina de Lexicografia nos cursos de licenciatura, pois a proficiência lexicográfica¹⁴ permitirá o uso competente, conhecendo tipologia, estrutura e funções das obras lexicográficas.

12 Essas referências são apenas representativas. Não se trata, portanto, de uma relação exaustiva.

13 O questionário, composto de 10 questões, foi aplicado em duas escolas públicas do estado do Paraná, no município de Jacarezinho: 34 alunos do 8º ano do Colégio Estadual Luiz Setti e 20 alunos do 9º ano do Colégio Estadual Rui Barbosa. Entre os dados, a pesquisa mostrou, por exemplo, que no Colégio Luiz Setti apenas 41% têm o hábito de usar o dicionário, restringindo o uso à consulta de significado. No Colégio Rui Barbosa, são 30% que costumam usar apenas quando estão na escola.

14 Também denominada educação lexicográfica, letramento lexicográfico, formação lexicográfica.

Infelizmente, no Brasil, estudos e formação específicos sobre o léxico têm ficado à margem dos currículos de Letras, ainda que o assunto esteja diluído em disciplinas de língua e gramática, morfologia, fonologia ou sintaxe. Os estudos do léxico fazem parte de alguma disciplina ou matéria de estudos, mas raramente figuram de forma independente nos currículos. (ISQUERDO; FINATTO, 2010, p. 13)

A subutilização do dicionário significa deixar de “extrair dele toda a informação de que necessita e que está disponível.” (CORREIA, 2011, p. 158). O incentivo do uso do dicionário não estimula o abandono dos outros instrumentos, mas um complemento não só às aulas de língua portuguesa, mas de Matemática, Biologia, etc.

Considerações finais

O objetivo desse artigo foi destacar a relação direta entre competência lexical e desempenho escolar por meio da estatística léxica de redações. Como vimos, a abordagem lexical no ensino é importante para desenvolver a competência lexical e, conseqüentemente, melhorar o desempenho escolar.

Embora haja muitas outras ferramentas a uma abordagem lexical, como expressões idiomáticas, jogo de palavras, processamento de *corpus*, vídeos, etc., o dicionário tem se destacado como o principal instrumento que confere ao léxico um papel central no processo de ensino-aprendizagem das línguas materna e estrangeira, contribuindo para as habilidades linguísticas (ouvir, ler, falar e escrever), fator determinante para a comunicação. Afinal, fundamentado nos princípios da Lexicografia pedagógica, cada vez mais o dicionário tem se adaptado ao nível e às necessidades do aprendiz de língua (materna ou estrangeira).

Referências

ABBUD, Maria Emilia de Oliveira Pereira. A

- influência da televisão nos hábitos alimentares de uma população de adolescentes da região norte brasileira. 2010. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ABDALLA, Leonardo Batoni. Propriedades eletrônicas dos Isolantes Topológicos. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências), Instituto de Física da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ABE, Andréa Tami. Adaptação marginal de restaurações em resina composta expostas a diferentes agentes clareadores. 2018. 145 f. Tese (Doutorado em Ciências), Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ABE, Maria Inês Miya. Franchising, terceirização e grupo econômico: a responsabilidade solidária como instrumento de combate à precarização das relações trabalhistas. 2011. 178 f. Tese (Doutorado em Direito), Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- ABRAHÃO, Elcio. Modelagem conceitual de ontologia de tarefa para as operações agrícolas da cana-de-açúcar. 2018. 112 f. Tese (Doutor em Ciências), Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ALVES, Paulo Roger Lopes. Avaliação ecotoxicológica da vinhaça de cana-de-açúcar no solo. 2015. 140 f. Tese (Doutorado em Ciências), Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2015.
- AULETE, Caldas. Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3 ed. Organizado por Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011a. 1008 p. [29.431 verbetes]
- AULETE, Caldas. Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011b. [75.756 verbetes]
- AZZI-NOGUEIRA, Deborah. Os produtos dos genes Tsc1 e Tsc2 em processos neurodegenerativos. 2016. 125 f. Tese (Doutorado em Ciências), Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BECHARA, Evanildo. Dicionário infantil ilustrado Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011a.
- BECHARA, Evanildo. Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011b. 1312 p. [28.805 verbetes]
- BECHARA, Evanildo. Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011c. [51.210 entradas (verbetes e locuções)]
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012. [5.900 verbetes]
- BLUTEAU, Raphael. Suplemento ao Vocabulário Portuguez, e Latino. Parte primeira. Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, 1727.
- BOLZAN, Rosane Maria; DURÃO, Adja Balbino de Amorim. Abandonando clichês para descortinar um cenário positivo para o uso do dicionário em sala de aula. In: DURÃO, Balbino de Amorim Barbieri (org). Vendo o dicionário com outros olhos. Londrina: UEL, 2010, p. 45-62.
- BORBA, Francisco S. Palavrinha viva: dicionário ilustrado da língua portuguesa. Curitiba: Piá, 2011a. [7.456 verbetes]
- BORBA, Francisco S. Dicionário Unesp do português contemporâneo. Curitiba: Piá, 2011b. [58.237 verbetes]
- BRASIL. Ministério da Educação. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Elaboração de Ergon de Oliveira Rangel. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica (MEC/SEB), 2012. 148 p. [PNLD 2012 – Dicionários]
- CARVALHO, Orlene L. S.; BAGNO, Marcos (orgs.). Dicionários escolares: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 165 p.

- CORRÊA, Vilma Reche. Uso de dicionário e ensino de nomenclatura. In: CARVALHO, Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs.) Dicionários escolares: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 155-165.
- DAMIM, Cristina Pimentel. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*. 2005. 230 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DUARTE, Rogério Aparecido; SILVA, Fernando Moreno da. Subaproveitamento do dicionário por alunos do Ensino Fundamental de Jacarezinho-PR. *Revista X*, vol. 12, p. 121-137, 2017.
- DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri (org.). *Vendo o dicionário com outros olhos*. Londrina: UEL, 2010.
- FERRAZ, Aderlande Pereira; SILVA FILHO, Sebastião Camelo da. O desenvolvimento da competência lexical e a neologia no português brasileiro contemporâneo. In: FERRAZ, Aderlande Pereira. *O léxico do português em estudo na sala de aula*. Araraquara: Letraria, 2016. p. 9-30
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Júnior*: dicionário escolar da língua portuguesa. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011. [30.373 verbetes]
- GEIGER, Paulo (org.). *Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011. [1.000 verbetes]
- GRAMA, Daniela Faria; BEILKE, Neubiana Silva Veloso. Linguística Aplicada & Lexicografia Pedagógica: intersecções possíveis por meio da Linguística de *Corpus*. *Domínios de Linguagem* (Uberlândia), vol. 12, n. 4, p. 2035-2065, 2018.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1943]. 147 p.
- HÖFLING, Camila. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com habilitação em língua inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. 2006. 376 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 4. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. 624 p.
- KAPA, Raphael. Enem 2018: confira as redações que tiraram nota mil na edição passada. *O Globo*, 10 out 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-e-vestibular/enem-2018-confira-as-redacoes-que-tiraram-nota-mil-na-edicao-passada-23145993>. Acesso em: 14 maio 2019.
- KRIEGER, Maria da Graça. *Dicionários em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012a. 96 p.
- KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários escolares e ensino de língua materna. *Revista Estudos Linguísticos*. São Paulo, 41 (1), p. 169-180, jan-abr. 2012b.
- KRIEGER, Maria da Graça; MÜLLER, Alexandra F. *Caderno interativo: atividades com dicionário*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 32 p.
- MORAES, Adriana C. de. *A utilização de dicionários de língua portuguesa em salas de aula do ensino fundamental*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.
- MÜLLER, Alexandra F.; CAMILOTTI, Fabrina P.; BATISTA, Rosinalda P. *Dicionário na escola: manual didático para o uso em sala de aula*. São Paulo: Editora do Brasil, 2014.
- NASCIMENTO, Roseli I.; ISQUERDO, Aparecida Negri. Frequência de palavras: um diagnóstico do vocabulário de redações de vestibular. *Alfa*, São Paulo, 47(1), p. 71-84, 2003.
- OLIVEIRA, Rogério Carlos G. de. *Saraiva Júnior: dicionário da língua portuguesa ilustrado*. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2009. [7.040 verbetes]

PONTES, Antonio Luciano. Multimodalidade em dicionários escolares. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. 5. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. p. 201-218.

PONTES, Antonio Luciano. Articulação verbo-visual em verbetes lexicográficos de dicionários escolares brasileiros. In: PONTES, A. L.; ARAÚJO, E. M. V. M.; MOREIRA, G. L.; SANTOS, H. L. G.; FECHINE, L. A. R. (orgs.). Perspectivas em Lexicografia e Terminologia. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 16-50.

PRADO, Maria Goreti Silva. A enunciação na semiótica discursiva: um estudo historiográfico. 2018. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, 2018.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. Verbetes para um dicionário bilíngue pedagógico do vocabulário fundamental na direção francês-português. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci; HUMBLÉ, Philippe (org.). Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008, p. 218-230.

XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (orgs.) Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 190 p.

Submissão: fevereiro de 2021.

Aceite: abril de 2021.